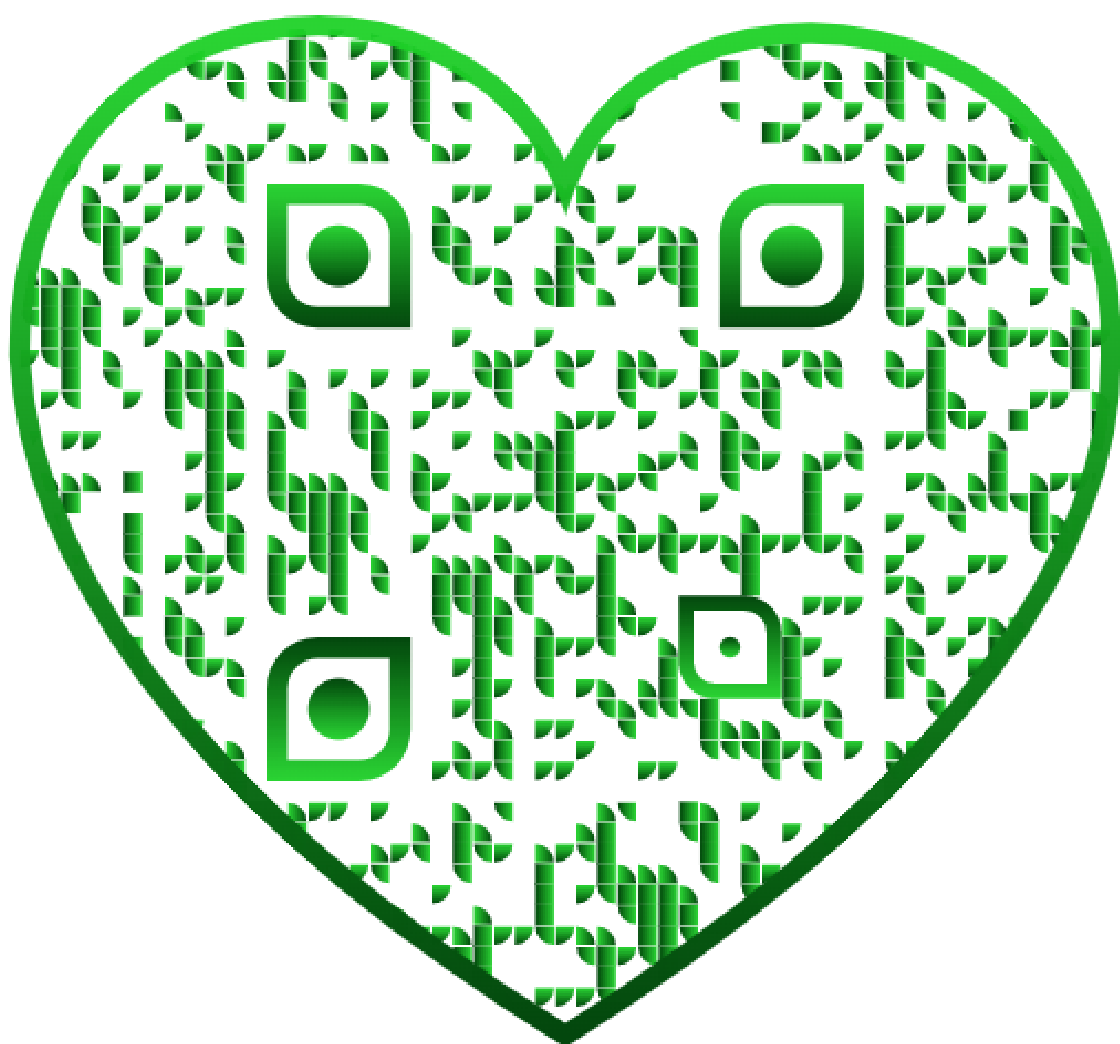
JOJO MOYES

Lou na quarentena



Um conto da trilogia
Como eu era antes de você



Lou na quarentena

Lou na quarentena

JOJO MOYES

Tradução de Maria Carmelita Dias



— Louisa. Onde está a sua panela? Você não tem uma panela!

Minha mãe enfiou a cabeça para espiar a garagem, onde eu tentava revirar uma das caixas de roupas, suspirou e disse:

— Olhe só para isso. Você sabe que seu pai não consegue tirar o cortador de grama da garagem com todas essas caixas amontoadas aqui.

Na verdade, eu havia alertado meu pai sobre isso, antes de entulharmos tudo lá, mas ele tinha encolhido os ombros e dito que tudo bem. Era quase impossível vê-lo agora, sentado em uma espreguiçadeira no nosso minúsculo jardim, com a grama na altura da cintura, enquanto abria outra cerveja.

— Uma pena — murmurou ele, dando um grande gole.

— Aquele homem vem treinando para a quarentena a vida inteira — disse minha mãe, enquanto eu reempilhava as caixas. — Sentado doze horas por dia com pausas para comer. Vamos, Bernard! Dez minutos até o início dos aplausos! Se levante!

— Eu preciso ir? Realmente tenho que arrumar essas caixas.

— Aquela sua panela antiaderente estava silenciosa demais semana passada. Talvez a panelinha de ovo pochê com uma colher de servir de metal. Vamos. Não temos muito tempo. Você está se sentindo bem? Parece meio pálida. Está com febre?

— Estou bem.

Ela me examinou desconfiada, depois se virou e entrou em casa.

Fitei as seis caixas de roupas de brechó, o material de leilão que eu trouxera para cá dois meses antes e, com um suspiro, fechei a porta da garagem resmungando e fui procurar uma panela mais barulhenta.

Eu havia chegado à Inglaterra em março, assim como fazia quatro vezes por ano, para reabastecer minha loja de aluguel de roupas vintage The Bees Knees. Em geral, eu ficava na casa dos meus pais e voltava para Nova York na semana seguinte, e as roupas chegavam mais tarde por contêiner.

— Estranho. A transportadora está dizendo que não pode mandar meu estoque novo — contei aos meus pais, ao checar o e-mail. — Alguma coisa relacionada a um vírus.

— Ah, sempre tem algum vírus — disse meu pai. — Vai passar. Ouvi dizer que os porcos pegam esse daí e você não vê eles entrando em pânico.

— Nem se atreva a voltar para Nova York e deixar todas aquelas caixas bloqueando a garagem — reclamou minha mãe.

— Tem Chanel naquela caixa. É mais fácil eu comprar uma passagem de primeira classe para a caixa e mandá-la para casa antes de mim.

Fiquei pendurada na linha tentando falar com a companhia aérea, para trocar minha passagem, e me perguntando pela décima quinta vez por que ninguém atendia.

E então a quarentena chegou.

E o mundo parou.

Paddy, um amigo do meu pai, do clube, que conhecia alguém que conhecia alguém no serviço público, disse que seriam duas, três semanas no máximo. Liguei para as meninas do Vintage Clothes Emporium e pedi que fechassem minha seção na loja, falando que eu voltaria logo. Fiz uma compra de supermercado pela internet para o Sam, e ele disse que não fazia sentido eu voltar correndo, porque estavam dizendo que os paramédicos deveriam se isolar das suas famílias.

— Se for durar umas duas semanas, é melhor você ficar com seus pais do que presa aqui sozinha.

Fiquei aliviada por ter trazido o Dean Martin comigo (que estava idoso, então eu não gostava de me afastar dele por mais do que uns poucos dias), e ele ficava roncando na sua cesta aos meus pés, enquanto eu ligava para meus clientes e explicava que eu estava em uma viagem a trabalho, mas logo voltaria com um estoque novo.

— Meu Deus, esse cachorro é horroroso — papai disse, admirado, como sempre fazia quando entrava e via o Dean. — Com certeza ele ganharia a medalha de ouro nas Olimpíadas da Feiura.

— Shh — eu dizia, tapando as orelhas macias de Dean Martin. — Ele vai ficar magoado.

— Toda vez que ele solta um pum, eu é que fico magoado. Mas você não me ouve reclamar.

— Todos nós sabemos que não é o cachorro, Bernard — disse minha mãe.

Conforme as semanas foram passando, fui de um estado de pânico cego, passando por ansiedade, agitação, raiva, para alguma coisa parecida com aceitação. Eram como os estágios de luto de Kubler-Ross, mas com quatro refeições cheias de carboidrato por dia, e minha mãe esguichando

antibactericida em qualquer um que se ficasse a menos de dois metros. Até mesmo em casa.

Meus pais haviam começado muito bem, fazendo malabarismos engraçados para evitar qualquer pessoa na calçada, e se divertindo com a palidez das estrelas de televisão, que agora se apresentavam sem maquiagem profissional.

— Viu o que Sophie Raworth fez com o cabelo? Ela está se virando muito bem. Eu adoraria saber qual bobe térmico que deram para ela.

— Mas dá para ver os cabelos grisalhos aparecendo no homem do tempo — concordou meu pai. — Eu acho que ele passou uma cera de polir hoje. Parece um Thunderbird.

Minha mãe e eu fazíamos os exercícios do personal trainer e apresentador de TV Joe Wicks todo dia de manhã na sala, rindo e suando e tentando não cair em cima da mesinha de centro. Resmungávamos com as notícias oficiais do governo no rádio à noite, e minha mãe atacava os germes invisíveis que pudessem ter rastejado para dentro de casa com o empenho e a impiedade de um assassino de aluguel, passando água sanitária nas maçanetas, nas argolas de cada cortina, nas patas do Dean Martin, além de checar nossa temperatura três vezes por dia. A casa nunca estivera tão limpa. Por duas vezes ela chegou a trocar meus lençóis antes mesmo de eu acordar.

Fazíamos reuniões familiares pelo Zoom, nas quais em geral Treena e eu tentávamos conversar enquanto Lila, a filhinha dela com Eddie, dava beijos molhados na tela e minha mãe esfregava o computador com um lenço umedecido. Treena detalhava as planilhas de Excel diárias de Londres, comparando as taxas globais de internações e mortes, e rebatia as teorias conspiratórias da minha mãe colhidas no Facebook.

— Não, mãe, o Estado Profundo não espalhou o vírus pelo ar-condicionado. E, não, gargarejar com água oxigenada não é uma boa ideia. — Ela e Eddie estavam tão rigorosas nas aulas à distância de Thom que os professores se viram forçados a pedir que fossem mais devagar, porque Thom estava deixando as outras crianças para trás. Lila, com três anos, talvez já lesse e escrevesse melhor que meu pai.

Toda semana eu ia de carro até o supermercado e esperava na fila obedientemente, suando por baixo da minha máscara cor-de-rosa de lantejoulas (antigos hábitos nunca morrem), acenando com a cabeça para

pessoas que deveriam ser vizinhos e evitando homens de meia-idade que vinham na minha direção, como se eu estivesse em um jogo especialmente maluco de bate-bate humano. Eu carregava minhas parcas vitórias para casa como espólios da guerra.

— Olhem! Farinha de verdade! E chá de Yorkshire! Era o último pacote, então eu tive que tossir muito alto perto de uma mulher para ela sair do corredor.

E toda quinta-feira nós saíamos e batíamos palmas e comentávamos como era bom ver todos os vizinhos conversando. Minha mãe nos cutucava para continuarmos aplaudindo até que estivéssemos batendo as mãos já moles como focas exaustas.

— Eu não quero ouvir a Siobhan, do 42, dizer que não apoiamos a saúde pública — sibilava mamãe.

— Mãe. Você está batendo na tampa de uma panela, distribuindo bolinhos para profissionais dos CTIs e usando um avental com a frase EU AMO O SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE bordada. Acho que eles já entenderam.

Já fazíamos isso havia oito quintas-feiras. Eu dizia a mim mesma que esse era um período estranho e breve, e que logo eu veria o Sam de novo. Minha vida normal ia voltar. Devia apenas tentar aproveitar esse tempo extra com minha mãe e meu pai. E não me importar com o fato de a casa ser tão pequena que meu pai de vez em quando me desejava saúde do andar de baixo quando me ouvia soltar um pum.

Na verdade, porém, eu estava lutando para manter todos de bom humor. Meus pais haviam entrado em um estado de apatia. Minha mãe e eu paramos de fazer os exercícios de Joe Wicks quando a mulher dele assumiu as aulas e admitimos que assistir dava a sensação de parecermos um par de batatas. Meu pai não fazia nada a não ser ver televisão ou ficar na espreguiçadeira no jardim com a grama alta. Ele sentia falta dos amigos do clube, mas não gostava de falar no telefone ou pelo computador; então, só ficava lá, sentado, lamentando-se pelo estado do mundo, como minha mãe dizia. Eu passeava com o Dean Martin pelas mesmas ruas por onde eu tinha andado quando criança, e ele parecia tão saturado daquilo tudo como todos nós (embora, para falar a verdade, eu nunca o tivesse visto de outra maneira). Eu ficava no Instagram e admirava os bolos de banana, os pores do sol imprecisos e corpos com biquínis, e me deitava na cama, admirada

por já ser quatro da tarde de novo, tentando não desejar que logo sumissem os vestígios de mais um dia.

E todos os dias eu checava meu telefone 158 vezes, esperando mensagens de Sam. Acompanhava, obcecada, as estatísticas americanas. Se ele não me ligava a cada doze horas, cismava que estava morto. Em determinado momento, parei de escutar as notícias, porque elas me deixavam com medo de como seria o mundo quando eu finalmente voltasse para ele. Alguns dias eu sentia como se eu só existisse pelos momentos em que podíamos nos falar.

Estou com saudades

Estou com saudades.

Também estou com saudades.

Algumas vezes parecia que isso era tudo o que falávamos um para o outro.

Eu sentia saudades do Sam como se alguém me tivesse tirado um suporte vital. Eu podia fechar os olhos e descrever exatamente como era deitar junto dele, minha cabeça no seu peito, minha perna atirada sobre a dele. A maneira como o braço dele me envolvia, me trazendo para perto. Sentia saudades das manhãs de domingo nas lanchonetes de Columbus Circle, das noites de sexta com as comidas trazidas de restaurantes e das nossas caminhadas pelo Jardim Botânico no Prospect Park. Sentia saudades das piadas bobas e da visão das nossas roupas emaranhadas juntas no cesto de roupas sujas e de pensar nele me esperando na moto, do lado de fora da loja, quando terminava um plantão.

Toda manhã havia um momento em que eu acordava e tentava alcançá-lo sem olhar. Quando percebia que ele não estava lá, era como se um abismo se abrisse diante de mim, e eu tinha que me levantar de um salto para me obrigar a começar o dia.

— Parece que isso nunca vai acabar — eu disse, na nossa última ligação.

Eu não tinha muito o que contar para ele. As coisas que ele tinha para me contar — as chamadas de emergência, as intermináveis trocas de roupas de proteção, a exaustão as mortes o oxigênio as sirenes as sirenes as sirenes —, ele não queria dividir.

— Você sabe o que os alpinistas dizem? — perguntou ele, após um momento. — Não olhe para cima. Olhe apenas para os seus pés. Um passo de cada vez, Lou. Só até sabermos que estamos escalando o último trecho.

Eu tentava não reclamar sobre como me sentia. Ele estava lidando com a vida e a morte todos os dias. Eu estava lidando com o fato de o meu pai ter comido os biscoitos de chocolate que eu estava guardando no armário em cima do fogão.

— Se cuide — sussurrei, e eu repetia essa frase, como uma superstição, toda vez que ele desligava o telefone.

Na nona semana, acordei com um e-mail de Lydia, da Vintage Clothes Emporium. Achei que ela fosse perguntar sobre um dos vestidos — com frequência a gente vendia o estoque uma da outra —, mas esse e-mail era atipicamente sombrio.

O proprietário disse que não pode reduzir nosso aluguel. Estamos conversando há dias, mas a conclusão é que vamos ter que fechar a loja. Na melhor das hipóteses, vender tudo on-line. É lamentável, mas não temos escolha. A gente mal conseguia ganhar o suficiente para seguir do jeito que estava.

Talvez a gente possa conversar sobre fazer alguma coisa on-line juntas?

Se cuide, querida. Estamos com saudades.

Bjs,

Lydia

Li duas vezes, sem acreditar, embora estivesse com medo de esse dia chegar há semanas. Sentei-me e deixei a cabeça cair entre as mãos, as palavras de Lydia martelando na minha cabeça.

Então era o fim. Meu negócio tinha acabado. E, sem os dois salários, nós não conseguiríamos pagar o aluguel do apartamento. Tudo o que eu tinha desejado, tudo pelo que eu tinha trabalhado com tanto afinco nos últimos cinco anos, estava desmoronando à minha volta.

— Você está bem, meu amor? — perguntou minha mãe, quando finalmente desci. — Você está muito pálida.

Imediatamente ela colocou a mão na minha testa. O nível de hipocondria da casa agora beirava o doentio. Qualquer tosse, espirro ou indício de cansaço, e pelo menos um membro da família gritava *COVID!* e imediatamente se afastava a uma distância segura. O pior era que a gente de fato imaginava e sentia os tais sintomas. Eu estava me sentindo mal? Definitivamente eu estava me sentindo mal. Aquilo era dor no pulmão?

— É só cansaço — respondi, e me sentei à mesa.

Eu estava cansada. Mais cansada do que nunca. Eu tinha lido um artigo sobre aquilo: aparentemente, estar no meio de uma pandemia ativava alguma parte da amídala que fazia você querer escapar de um urso ou alguma coisa assim. E como não havia urso, você exauria seu pobre cérebro ainda mais. Eu tinha tentado explicar isso para Treena no Zoom no dia anterior, e ela me dissera estar certa de que não existia urso nenhum, ou no meu caso nem a amídala, e tive que lembrar a ela que eu tinha sobrevivido *de verdade* à queda de um prédio, então ela devia calar a boca, e minha mãe interveio e disse: *quantos anos vocês têm, doze?*

Eu não tinha coragem de contar a verdade.

— Só não estou dormindo direito. Vou ficar bem — falei.

Minha mãe me olhou daquela maneira que as mães fazem quando claramente não acreditam em uma palavra sua e planejam cavar uma informação mais precisa em uma hora em que o programa *Loose Women* não estivesse quase começando. Depois, voltou a desinfectar a pá de lixo e a vassourinha.

Contei a Sam pelo Skype naquela noite. Eu odiava ter que dar notícias ruins, sabendo que ele passava o resto do dia no meio de notícia ruim.

— Bem... talvez você possa encontrar outro brechó — disse ele, esfregando o rosto. Parecia exausto.

— Em Manhattan? Mesmo assim, quem vai querer usar as roupas de outra pessoa depois de tudo isso? As pessoas vão virar germofóbicas. Provavelmente vai haver novas diretrizes me mandando lavar e ferver tudo antes de alugar.

— Não tem como saber.

— E como vamos conseguir pagar o apartamento?

— Nós temos dinheiro guardado.

— Mas não o suficiente.

— Vamos nos preocupar com isso quando estivermos juntos de novo...?

— Desculpe. Eu só estou... triste, eu acho. É como se tudo estivesse se acabando e eu nem tive a chance de me despedir.

— Não está tudo se acabando. Nós estamos bem, não estamos? Olhe, talvez isso nos force a tomar algumas decisões.

Devo ter parecido cética.

— Tudo está mudando, Lou. Talvez esse seja um momento para nós também mudarmos.

Sam e eu éramos campeões em não tomar decisões, segundo minha irmã. Adiávamos tudo. De vez em quando falávamos sobre voltar à Inglaterra — sentíamos falta das nossas famílias e Sam queria morar na casa dele, não em um minúsculo apartamento superfaturado. Só que não tomávamos nenhuma iniciativa para ir embora. Havíamos conversado sobre começar uma família — ver Eddie grávida de Lila aflorou meu instinto materno, e, como meu pai dizia (com excessiva frequência), eu não estava ficando mais jovem. Meu pai, minha mãe e eu víamos pelo computador as crianças correndo sem parar, e minha mãe dizia, com lágrimas nos olhos, que estava perdendo a infância dos netos, e eu sentia uma pontada de tristeza, pois cada mês longe de Sam significava que eu estava perdendo uma oportunidade. Tínhamos combinado de conversar sobre o assunto sem falta, quando eu voltasse. Ou quando ele estivesse menos cansado dos plantões. Arrumaríamos um espaço nas nossas agendas e nos sentaríamos e decidiríamos tudo. Mas, de alguma maneira, quando se tratava de uma conversa com o potencial de mudar tudo, onde morávamos, se nos casaríamos, o que eu faria em relação aos negócios, nenhum dos dois nunca se sentia pronto — ou adulto o suficiente — para iniciar.

E na verdade, fora Sam, eu nem tinha certeza do que queria.

— Quando eu voltar — eu disse.

— Acho que podíamos conversar agora, mas...

— Você está cansado. Agora não é hora.

Ele esfregou os olhos e desejei poder puxá-lo para perto de mim.

— Estou com saudades.

— Estou com mais saudades.

— Impossível.

Ele sorriu e me senti um pouco melhor, da maneira como sempre me sentia quando Sam sorria para mim. Mas, quando ele desligou, descobri que meus olhos estavam inesperadamente cheios de lágrimas.

Eu estava na fila do lado de fora do supermercado quando o avistei. Estávamos parados em cima das marcações, a dois metros de distância, arrastando os pés mais uma seção à frente, usando máscaras e olhando furiosamente para qualquer um que se aproximasse um passo além, quando notei algo familiar no homem três marcações atrás. Ele estava parado, a

barriga pendurada por cima da calça de moletom, o corpo caindo exausto sobre um carrinho triplo de bebê no qual três crianças pequenas berravam e choramingavam, empunhando mamadeiras de leite semivazias uma para as outras.

Estreitei os olhos e ele baixou a máscara.

— ... *Patrick?* — falei, e o encarei.

— Lou! — exclamou ele.

As duas pessoas entre nós dois deram um passo para trás, como se nossa conversa pudesse gerar germes.

— Você... você está... uau. São.. seus?

Ele abriu um sorriso.

— Sim! Todos os três! É... ótimo ser pai. Simplesmente... maravilhoso. Melhor coisa que eu já fiz. A patroa estava precisando de um tempo essa tarde, então eu disse que traria as crianças.

— Achei que não fosse permitido trazer crianças ao supermercado.

— Ah, eu deixo do lado de fora. Ninguém vai levar mesmo. — Ele as olhou por um momento, e repetiu, quase para si mesmo: — É. Ninguém vai levar.

— Que maravilha! Como estão seus pais?

— Bem — respondeu, e esfregou os olhos. — Todo mundo está bem. A vida está ótima. Quer dizer, não tenho tido muito tempo para treinar, então não estou muito em forma agora, mas... você sabe. Vou voltar ao antigo Ironman logo, logo.

— Claro.

Diplomaticamente, parei de olhar para a barriga dele. Nós nos encaramos por um minuto, daquela maneira como as pessoas fazem quando antes eram ligadas e agora não entendem o que as unia.

— Então... Você ainda está morando em Nova York?

— Estou. Fico aqui até a quarentena acabar e depois vou...

— ...direto para um avião.

— Isso.

— Isso aí. Tempos estranhos... tempos estranhos.

Não era só que ele não se parecesse com Patrick. Parecia com alguém que tivesse engolido o Patrick. Eu ainda estava tentando me ajustar a essa nova versão do meu ex-noivo quando ele disse:

— Uma pena o Sr. Traynor.

Ergui o olhar.
— Você não soube? Ele morreu. Final de semana passado.
De repente, tudo parou.
— O que você disse?
— O Sr. Traynor.
Eu estava com dificuldades de escutar com o zumbido nos meus ouvidos.
— Sabe, o pai do Will.
Como eu continuava a encarar, acrescentou:
— Deu nos jornais. Covid. Estava na seção de notícias e no obituário na parte de trás. No último *Stortfold Recorder.*
— Mas... mas ele tem um bebê.
— Seis anos. Eu sei. Muito triste. Mas ele era velho. Devia ter se protegido melhor.
Dei meia-volta e fui embora antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa. Eu nem sabia para onde estava indo. Só estava enjoada e tonta e precisava sair da fila. Enquanto eu atravessava o estacionamento, mal ouvi Patrick gritar:
— Foi ótimo ver você!
O Sr. Traynor era a primeira pessoa que eu conhecia que realmente tinha morrido daquilo. Até aquele momento, o vírus havia sido algo abstrato; um monstro borrado no horizonte. Mas o Sr. Traynor? Pensei em seus gestos de gentileza quando comecei a trabalhar em sua casa. O homem amoroso e delicado que ele tinha sido com Will. Senti uma tristeza enorme pela Sra. Traynor, apesar de estarem divorciados. Pensei em Lily. Mal tínhamos nos falado naquele ano, e agora eu me sentia péssima. Um dos últimos elos que ela ainda tinha com o pai se fora. Essa coisa era real.
Tudo tinha mudado.
Tentei ligar três vezes para o Sam naquela noite, mas ele não atendeu, e lutei contra uma crescente sensação de pânico. Enchi a banheira e chorei enquanto as torneiras estavam abertas para meus pais não escutarem. De repente me senti arrasada, como se todas as coisas boas que formavam a minha vida, todas as coisas que eu achei que sempre estariam lá, simplesmente estivessem sumindo como bolhas de sabão. Submergi a cabeça e, pela primeira vez, questionei se a minha vida — ou a vida de qualquer outra pessoa — algum dia realmente voltaria a ser a mesma.

Alguma coisa sombria se apoderou de mim e eu não consegui enxotar. Parei de ouvir os novos boletins, incapaz de lidar com a tristeza dos outros. Eu me escondia no quarto e me enrolava como uma bola com o Dean Martin e me perguntava se havia algum jeito de eu só me deitar e dormir até que tudo tivesse terminado. Os e-mails de trabalho chegavam e eu não tinha energia para responder. Pensei no fato de que eu nunca mais estaria no Emporium com as meninas, entusiasmadas por causa das costuras de um macacão Ossie Clark, ou desfilando casacos afegãos da década de 1970 que cheiravam como se ainda houvesse um carneiro de 1970 nele. Chorei pela perda da minha vida dos sonhos. Toda em frangalhos. Destruída.

Minha mãe passava bufando e ofegando pela porta do meu quarto, e eu, mal-humorada, pensava como era impossível fazer qualquer coisa nessa casa sem alguém saber. As redes sociais pareciam só mostrar gemidos de ansiedade ou então pães de fermentação natural; por isso, parei de olhar.

Treena me mandou diversas mensagens dizendo que mamãe estava preocupada comigo. Mamãe trazia chá e me dizia para ligar para Treena, que estava preocupada comigo. Meu pai batia na porta para ver se havia mais biscoitos.

— Eu não gosto de ir ao supermercado eu mesmo. Me dá arrepios.

Sam me mandou duas mensagens.

Desculpe. Está difícil aqui. Entro em contato assim que puder. Te amo. Bj.

Eu rolava as fotos dele no celular, fotos de nós dois rindo juntos em outro mundo, com medo de ter começado a me esquecer como ele era. Nos meus piores momentos, eu me perguntava se algum dia o veria novamente. E se ele pegasse Covid e morresse lá, longe de todos, cercado por rostos mascarados e telas protetoras? Ele era alguém que colocaria a segurança de outra pessoa acima da própria. O tipo de pessoa que emprestaria sua máscara a alguém, abraçaria uma pessoa infectada se isso fosse ajudar. Desejei não ter lido todas as histórias sobre as pessoas saudáveis que pegaram a doença e morreram em dias. Pensar nisso me causava náuseas e eu puxava os joelhos em direção ao peito e apertava os olhos bem fechados. E depois caía no sono novamente.

E em algum momento nesses dias estranhos e tortuosos, minha mãe irrompeu no meu quarto com uma pilha de roupa recém-lavada, despejou-a na minha cômoda e disse:

— Vamos. Hora de levantar.

Puxei o edredom sobre a cabeça e murmurei:

— Não consigo. Não estou bem.

— Não é isso. Você está é um pouco para baixo. Tem uma diferença.

— Estou cansada demais.

— Levante-se. É quinta-feira. Hora dos Aplausos.

— Ah, Jesus Cristo. Mãe, não me importo com o que os vizinhos pensam.

Meus pais estavam começando a me irritar de verdade.

Minha mãe abriu as cortinas e franziu a testa, olhando para a coleção de canecas na minha mesa de cabeceira.

— Não é por causa dos vizinhos. É para mostrar nosso apoio ao que as pessoas lá fora estão fazendo. Pessoas como Sam. Não pediram muito para nós além de ficarmos sentados em casa. Vamos. Levante-se.

— *Eu não consigo...* — Comecei a chorar. — Meu negócio acabou. As meninas não conseguem pagar o aluguel e fecharam. Está tudo acabado, mãe. Tudo.

Ela ficou parada ao pé da cama e esperou que eu parasse de soluçar. Eu não conseguia. Não sabia o que estava acontecendo comigo.

— Sinto muito, meu amor — minha mãe disse, finalmente. — É difícil. Sei o que aquele negócio significava para você. — Ela soltou um longo suspiro. — Essa coisa está causando tanta tristeza em tanta gente...

Ela estendeu o braço, pegou minha mão e a apertou. Então, quando eu funguei, ela puxou o edredom de cima de mim e o jogou no chão.

— Agora se levante. E coloque um pouco de batom e de blush e penteie o cabelo. Você está parecendo um fim de semana chuvoso em Hull.

Eu saí faltando um minuto para as oito, piscando com a luz do dia ainda clara e pouco familiar. Enquanto minha mãe se postava no portão da frente, meu pai e eu aplaudíamos letargicamente atrás dela. Minha mãe batia com uma espátula em uma panela de cobre que ela havia limpado com esmero ("Não vou deixar Carole dizer que não sei o que fazer com uma esponja") e Dean Martin latia, como ele fazia toda quinta-feira, por causa do barulho inesperado ao seu redor.

De repente, tudo aquilo pareceu um gesto completamente sem sentido. Quem se importava, a não ser os exibidos das redes sociais? Eu ouvia os gritos e as buzinas e as panelas batendo, e a Sra. Fitzwilliam tocando sua gaita de fole do lado de fora, na esperança de que alguém postasse no YouTube, e eu olhava para o relógio disfarçadamente para ver quanto tempo mais teria que ficar ali.

E então reparei nas crianças.

Eu tinha até me esquecido de que havia crianças na nossa rua. Naqueles dias, ninguém brincava lá fora. Não havia patinetes deslizando na frente da nossa porta nem bolas de futebol caindo no nosso minúsculo jardim. Ninguém brincava na rua havia semanas.

Duas crianças estavam paradas no jardim da casa do outro lado da rua, pálidas e cansadas, olhando para os pais com rostos ansiosos. As crianças, pensei, pareciam mais tristes do que eu.

Minha mãe seguiu a direção do meu olhar.

— Pobrezinhos. Devem estar completamente entediados. E quase todos nós com um jardim do tamanho de um ovo. Os pequenos dos apartamentos não têm nem isso.

Foi a imagem do rosto das crianças que ficou comigo quando fechamos a porta. Naquela noite, sentei-me no sofá apertada entre minha mãe e meu pai, assistindo às famílias do *Gogglebox* assistindo a outras pessoas na televisão, e fiquei pensando como seria ter sete anos e ficar trancado dentro de quatro paredes o dia inteiro. Durante meses. Quando crianças, nós perambulávamos pelas ruas em bicicletas ou a pé, uma gangue semiferoz, desafiando uns aos outros a enfiar as mãos em arbustos com ninhos de vespas ou a pular do telhado da garagem. A parte de que eu mais me lembrava da infância era a liberdade. Não de um monstro amorfo que mantinha você trancado em casa como um prisioneiro e ameaçava matar seus avós se você tentasse lhes dar um abraço.

Não consegui dormir naquela noite. À uma e quinze da madrugada, fui na garagem, enrolada no roupão. A rua estava tão silenciosa que era possível ouvir o ruído dos passarinhos nas árvores. Levantei a porta da garagem com um grunhido, esperei a luz fluorescente cintilar e fitei as seis enormes caixas do agora extinto estoque de roupas de brechó, refletindo.

No dia seguinte, postei no grupo de WhatsApp da rua (que tinha começado com a intenção de providenciar as compras para as pessoas em

grupo de risco, mas agora parecia mais um repositório de reclamações sobre vagas e barulho, e denúncias de quem tinha recebido quem no quintal dos fundos):

Me diga seu personagem de livro ou televisão preferido e quantos anos você tem e farei uma fantasia para você usar na Hora dos Aplausos da semana que vem. Não precisa pagar nada.
Louisa Clark, da Rua Renfrew, 17.
(Aluguel de Roupas The Bees Knees)

Durante o dia, nada aconteceu. Fiquei pensando se as pessoas acharam que era um golpe ou então se era só um pouco esquisito. E então, às seis da tarde, soou a notificação do WhatsApp no celular.

Se é a senhora da casa em frente, eu gostaria de ser a Princesa Elsa, do Frozen.
Tenho 8 anos. Meu irmão gosta de Onde Está Wally. Ele tem 5.
Michelle Rodman. N° 14

— Mãe? Você conhece a Michelle Rodman?
— Aah, sim, um amor de menina. Um cabelo ruivo lindo.
— Ela quer ser uma princesa. Vou fazer uma fantasia para ela.
— Que ótimo. — Ela franziu a testa um instante. — Eu só queria dizer que... ela gosta de comer. Você não quer que a roupa fique... pequena.
— Entendi.
Atravessei a rua até o jardim do número 14, toquei a campainha e pedi à mãe de Michelle Rodman para ela aparecesse na janela de forma que eu pudesse ter uma ideia de suas medidas. A garota apareceu atrás do vidro com um sorriso tímido, depois o irmão surgiu de repente e colocou a língua para fora, e dei dois joinhas para eles ao me afastar.
Levei uma tarde inteira. Vasculhei duas caixas de roupas na garagem e desfiz um roupão azul-claro de cetim de algodão e sobrepus uma cortina rendada brilhante. Onde Está Wally foi um pouco mais desafiador, mas adaptei uma camiseta listrada entrando um pouco nas laterais. Fiz um pompom com um novelo de lã e um pedaço de cartolina, e o costurei em um velho gorro de lã do Thom. Mostrei o resultado para minha mãe e ela bateu palmas.

— Ah, eles vão amar, Louisa. Você é realmente maravilhosa com a agulha e a linha.

Mais importante, um dia inteiro se passara sem eu me dar conta. Fiquei tão imersa naquele trabalho que mal tive tempo para me preocupar com o resto da minha vida. Naquela noite, dormi dez horas e meia seguidas.

No dia seguinte chegou uma mensagem do número 27.

Posso pedir uma fantasia, por favor? Tenho 9 anos e quero ser o Lord Voldemort.

Essa era fácil. Havia um pijama verde-escuro de um tom musguento, no qual eu fiz bainha e ajustei a gola. O rosto seria mais difícil, mas eu deixaria para os pais dele resolverem como retirar o nariz.

Os pedidos começaram a pipocar em seguida. Eu tinha Pippi Meialonga, RuPaul, A Pequena Sereia (fiz o cabelo com lã laranja que costurei em uma faixa) e a Lyra de *Fronteiras do Universo.* Eu me sentia útil de ter alguma coisa para fazer, acordar com uma tarefa e ficar com a sensação de que tinha produzido alguma coisa no final do dia. Minha mãe pegou a máquina de costura e começou a me ajudar, tricotando um cachecol para o Harry Potter ou dando um jeito em algumas peças para construir uma fantasia de Batman. Ela achou um grande pijama do meu avô para fazermos um Wee Willie Winkie, e nós duas nos vimos imóveis na frente da gaveta aberta, fitando o tecido macio em suas mãos.

— Fico feliz que ele não esteja aqui para ver isso — disse minha mãe, dobrando a roupa delicadamente.

— Eu também.

Dei-lhe um rápido abraço, de repente surpresa com a estranheza que causava estar em contato tão próximo com outro ser humano.

Na manhã de quinta-feira, minha mãe e eu caminhamos ao longo da Renfrew Road e deixamos as fantasias embaladas no lado de fora das casas de quem havia encomendado, batendo nas portas para avisá-los da entrega. E depois aguardamos.

Às cinco para as oito, tendo mamãe escolhido a melhor panela e a pior colher de pau (“Eu vivo quebrando as colheres”), nos aventuramos até a entrada de casa. Papai ergueu uma cerveja para os vizinhos do outro lado da rua. Algumas pessoas se cumprimentavam em voz baixa, cochichando

sobre quem tinha engordado ou cortado o cabelo em casa. Sid, que alegava já ter tocado baixo para o AC/DC, levantou a guitarra, mas todo mundo gritou *"nããão, Sid",* e ele se recolheu para dentro de casa. Não era justo fazer as pessoas aguentarem outra versão de "Smoke on the Water" *e* uma pandemia.

— Eles não usaram as fantasias — eu disse, triste, olhando ao redor.

— Nem todo mundo saiu ainda, querida — meu pai comentou. — Talvez estejam tomando chá.

— Às oito da noite? Não moramos no *continente* — replicou minha mãe.

E então, assim que os primeiros vivas ecoaram na rua, surgiu Lord Voldemort. Os pais do menino colocaram uma meia de seda clara no seu rosto, a fim de embaçar seus traços, o que me pareceu, tinha que admitir, incrivelmente assustador.

Acenamos para ele e aplaudimos com entusiasmo. E então, Lyra se colocou na frente dos pais, uma lontra de pelúcia no ombro. As crianças avançaram até os portões dos jardins, gritando os nomes de seus personagens uns para os outros e exibindo as fantasias. Os vizinhos começaram a chamar uns aos outros por cima do barulho estridente de panelas e canecas. *Pippi Meialonga. Onde Está Wally. Paddington.*

— O que é isso?

— Fantasias. Para alegrar as crianças um pouquinho.

— Linda a Princesa Anna!

— É Elsa.

— Pfff — resmungou papai. — Até eu sei distinguir as Annas das Elsas.

As crianças que não tinham respondido à minha mensagem começaram a murmurar alguma coisa para os pais. Algumas olharam na minha direção e apontaram. A mãe de Pippi veio até nós, parando a dois metros de distância, conforme o recomendado.

— Ela adorou — disse a mulher. — Disse que vai dormir com a roupa. Obrigada. Minha filha ficou feliz de verdade.

A menina me olhou com um ar tímido.

— De nada — respondi. — Você está linda.

Pippi avançou para me abraçar, mas a mãe agarrou suas costas rápido e ambas paramos, antes de trocarmos um sorriso esquisito. Etiqueta da pandemia.

Naquela noite, contei a história para Sam. Queria contar alguma coisa boa. Ele me chamara pelo Skype, tendo acabado de voltar do plantão, e observei seus ombros curvados e o nosso quadro de avisos por trás de sua cabeça, com as anotações sobres consultas com dentistas a que não iríamos e os ingressos para aquele espetáculo no Central Park que fora cancelado e fotos de nós dois juntos, e minha necessidade de estar lá com ele foi tão grande que contar sobre as fantasias era a única forma de não começar a cavar um buraco para dentro da tela do meu laptop.

— Que legal — Sam falou.

E sorriu, mas a borda dos seus olhos estava vermelha, e ele tinha marcas no nariz por causa do uso constante da máscara.

— Vou fazer para adultos na semana que vem.

— Não se esgote demais — disse ele. — Você parece... cansada.

— Estou bem.

— Disse a mulher que caiu no sono enquanto falava comigo na noite passada.

Eu tinha acordado e percebido que minha cabeça estava recostada na mesa, e a tela vazia do computador mostrava a parede do nosso apartamento. Sam tinha escrito uma mensagem na tela que dizia:

Fui trabalhar. Te amo. Bj.

— Como foi seu dia hoje?

Ele baixou o olhar por um instante e balançou a cabeça.

— Não foi muito bom.

Ficamos em silêncio, refletindo sobre o mundo de dores por trás dessas palavras.

— Por favor, cuide-se.

— Pode deixar. — Ele ensaiou um sorriso. — Eu me cuido. É bom pensar na rua inteira vestida com suas fantasias. Me faz lembrar que existe vida além disso aqui.

— Bom, eu até consigo encontrar um uso para essas roupas todas, não é? — completei e tentei não deixar a tristeza transparecer na voz.

Não contei para ele que o que estava me segurando era apenas o trabalho com a máquina de costura. Que, nas horas em que não estava costurando, eu ficava chorando de cansaço ou enjoada de medo. *Olhe apenas para os*

seus pés, eu disse para mim mesma, e me obriguei a abrir um sorriso, enorme, encorajador, antes de desligarmos.

Mamãe e eu saqueamos as caixas na garagem e pegamos todos as roupas das décadas de 1940 e 1950 que conseguimos encontrar. No início tínhamos planejado oferecer às pessoas fantasias do Dia da Vitória, mas a maioria dos ternos e dos vestidos eram pequenos demais para os corpos modernos.

— Podemos colocar umas emendas aqui — disse mamãe, segurando um tailleur de tweed. — Tiramos os botões e alargamos.

— Não sei se essas costuras vão aguentar. Há alguma outra coisa que possamos fazer?

— Não acho que a ideia de personagens de livros funcione com os adultos — mamãe comentou, quando conversamos com Treena naquela noite pelo Zoom.

— Mas não queremos essas fantasias batidas de mulheres espalhafatosas e padres. Ou de Velho Oeste. Ou qualquer outra fantasia que as pessoas costumam usar na versão pornográfica. Não é assim que usam?

— O que o papai vai usar? — perguntou Treena.

— Seu pai não está participando de nada. O máximo que eu posso fazer é conseguir que ele fique parado na porta de casa.

Treena fez uma expressão de quem estava refletindo. Uma cara que, segundo o papai, fazia com que ela parecesse enfezada.

— A Hora dos Aplausos é uma homenagem aos heróis da saúde pública, não é? — perguntou ela. — Então, proponham que os adultos se fantasiem como seus heróis.

Dessa vez, as respostas vieram em uma torrente tal que mamãe e eu mal conseguíamos dar conta. Tínhamos duas Malalas e um Kenny Dalglish, e um Churchill e um David Bowie. Tínhamos um Stirling Moss e um Prince, e Greg Abbott, do 43, enviou uma mensagem com uma foto dele de cueca, depois um pedido de desculpas dizendo que se enganara e a foto era para os Vigilantes do Peso.

— Vigilantes do Peso. Hum hum. Sei — retrucou papai.

Dessa vez, parecia que todos os vizinhos estavam envolvidos. Quando minha mãe foi até a mercearia para comprar leite, duas pessoas a abordaram para verificar as medidas e outras para contar sobre acessórios que tinham encontrado em seus sótãos ou no fundo de armários. Uma garota chamada Melanie, estudante de Belas-Artes, que tinha vindo passar a quarentena com

os pais, perguntou no grupo se alguém gostaria de tirar fotos da noite e que poderíamos, em uma data mais à frente, exibi-las no salão comunitário, como um registro simpático de um estranho período de nossas vidas. Tive que negociar com um casal de vizinhos cujos desejos não consegui realizar ("Não tenho nenhum vestido de baile do século XVIII. Não, realmente não sei como fazer um Brad Pitt"). Porém, havia definitivamente um ar de expectativa para a próxima quinta-feira. Mamãe e eu trabalhávamos noite e dia, recortando peças e remendando, até tingindo em duas ocasiões. Mesmo os pronunciamentos do governo não conseguiam refrear nosso ânimo. Mamãe mal tinha energia para concordar com o habitual *"Calem a boca, seus imprestáveis!"* de papai.

Já era final da tarde de quinta-feira quando terminamos. Estávamos à mesa da cozinha, cercadas de retalhos de tecidos descartados e zíperes quebrados e o restante do que fora meu valioso estoque. Depois de mamãe amarrar uma fita no último embrulho, nos sentamos curvadas, ofegantes.

— Acha que eles vão gostar?

— Neste exato minuto, Louisa, eu não quero nem saber. Nós fizemos o que prometemos. — Mamãe tirou o cabelo do rosto e checou o relógio. — Cadê o seu pai? Pedi para ele fazer chá para nós meia hora atrás.

Fechei os olhos e então percebi que, se os mantivesse fechados um minuto a mais, eu talvez cairia no sono e perderia o evento das oito horas. Não tinha certeza se alguma vez me sentira tão cansada. Quando abri os olhos, mamãe estava me observando.

— Olhe só para você. A que horas parou de costurar ontem à noite?

— Acho que quinze para as duas.

— Tem algum sintoma? Sabe que o cansaço é um dos...

— Foi apenas por eu ter dormido tarde, mãe.

Ela balançou a cabeça.

— *Bernard?...* — Ela se levantou e enfiou a cabeça na porta. — *Bernard?* Ah, já estou de saco cheio dele.

— Tudo bem, mãe. Vou preparar o chá para a gente.

As bochechas de minha mãe, porém, assumiram um rubor incomum.

— Não, Lou, não está tudo bem. Ele simplesmente passa o dia sentado, dizendo que está infeliz e não fazendo nada para mudar a situação. Você acha que não estou deprimida? Acha que não tenho vontade chorar um pouco toda manhã ou de noite quando fico acordada na cama preocupada

com o que vai acontecer? Sinto falta da faculdade de um jeito que você nem imagina. Sinto falta das minhas idas a Londres. Chego a sentir dor física de tanta saudade dos meus netos. Mas alguém tem que fazer as coisas. Alguém tem que preparar a comida e manter a casa em ordem e fingir para as crianças que tudo vai acabar bem. Alguém tem que tentar... só *tentar*... Eu só... Seu pai faz com que eu me sinta muito sozinha às vezes. É isso. De qualquer forma, fico feliz que você esteja aqui. Porque francamente não sei como eu conseguiria passar por tudo isso sem você.

Ela assoou o nariz com vigor. Depois, quando me levantei sem ânimo e coloquei a chaleira no fogo, inspirou profundamente.

— Me desculpe.

— Não tem do que se desculpar, mãe.

— Mas eu não devia me lamuriar na sua frente. Não pense que eu não sei que está sentindo saudade do Sam. Eu sei. É horrível estar longe da pessoa que você ama. E acho que você está sendo muito corajosa sobre o seu negócio e tudo o mais. — Ela confirmou com um gesto da cabeça. — Muito corajosa mesmo. Só queria que soubesse disso.

Minha mãe e eu não somos muito de abraçar. Mas posso dizer que o abraço que ela me deu naquele momento foi um dos melhores que já recebi na vida.

Mamãe tinha separado o escorredor de macarrão e um pegador de salada de metal com excelentes qualidades de decibéis para o papai usar esta semana, mas, quando chegou a hora dos aplausos, ele ainda não tinha aparecido.

— É a cara dele escolher justamente essa hora para dar uma caminhada — resmungou minha mãe, amarrando seu avental de EU AMO O SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE. — Mas não consegui que ele fosse ao parque comigo, não é?

Ela ainda estava furiosa por ele não ter preparado o chá. Minha mãe era capaz de guardar ressentimento por séculos.

Limpei o rosto. Eu não tivera muito tempo de me ajeitar — na verdade, mamãe e eu tínhamos nos esquecido completamente de separar alguma fantasia para nós mesmas. Mas vesti o casaco Chanel, que era o tesouro escondido de minhas seis caixas de roupas de brechó, e combinei com culottes azul-marinho e um par de calçados Mary Jane brancos. Qual era o

sentido de poupar qualquer coisa para os dias melhores, afinal de contas? E se esse *fosse* o melhor?

Mamãe penteou o cabelo e colocou um pouquinho de perfume — como se alguém além de mim fosse sentir o cheiro — e ficou junto ao portão munida de seu avental especial e de sua segunda melhor colher de pau apoiada no fundo de uma panela, como um percussionista esperando o maestro levantar as mãos.

— Olhe eles ali, Lou! Veja!

Enquanto observávamos, nossos vizinhos começaram a sair de suas casas. No início, um pouco constrangidos, e depois rindo e acenando quando percebiam que não eram os únicos. Havia um Gandhi, criado com o lençol velho do quarto de hóspedes. Havia o Prince — a Layla, do 120 —, com o cabelo penteado para cima formando um topete volumoso e um macacão roxo da década de 1970 no qual eu tinha costurado umas dragonas. Eu me vi abrindo um largo sorriso à medida que as pessoas surgiam, aplaudindo ao notar seus acessórios feitos em casa — uma guitarra de cartolina ou uma peruca extravagante. Quanto empenho! Fiquei muito contente em ver as fantasias de todos os outros; os gritos para explicar por que cada um dos personagens era importante para a pessoa. E enquanto aplaudíamos e dávamos vivas e o sino da igreja marcava as oito horas e as panelas começavam a bater para além desse barulho, comecei a sorrir diante da alegria estampada em todos os rostos, a agitação das crianças, disparando de seus jardins para verem as fantasias das outras pessoas, rindo e apontando. E Melanie, a estudante de Belas-Artes, correndo para cima e para baixo na calçada, tirando fotos e organizando os moradores de cada casa em grupos que melhor exibissem as fantasias que escolheram. Quando Sid começou a tocar "We Could Be Heroes" na guitarra, ninguém nem reclamou.

— Nós fizemos isso, Lou — disse minha mãe, radiante. — Olhe como todo mundo está contente! Olhe para isso. Ah, estou até com vontade de chorar.

Tinha funcionado. Algo em mim se acalmou. De repente eu não estava triste por perder meu estoque. Apenas me sentia feliz que naquele momento uma rua inteira encontrara algo para se alegrar e em torno do que se unir. Eu estava simplesmente tentando registrar o momento quando ouvimos um murmúrio circular entre os vizinhos da frente, e então uma tremenda

gargalhada. Senti uma mão no ombro e girei rápido. Lá estava meu pai, vestido com um tutu cor-de-rosa, um casaco de brim e um par de meias-calças listradas, de abelha.

— *... Papai?*

Mamãe o examinou de cima a baixo, incrédula.

— Bernard? Mas o quê...

— Não sei de quem você puxou isso, essa capacidade de fazer todo mundo ao seu redor se sentir melhor. Mas você é uma maravilha abençoada, Lou, e estou muito orgulhoso de você. Então pensei que eu também devia me fantasiar... de *você.* Você é a minha heroína — meu pai disse, pegando meu rosto entre as mãos.

— Ah, Bernard — o rosto de minha mãe se enrugou de satisfação.

Ela deu um passo à frente e o envolveu em um abraço apertado. Os dois ficaram ali imóveis, enlaçados.

— Você não faz ideia do trabalho que me deu entrar nessa meia-calça. Não sei como vocês, mulheres, conseguem fazer isso.

Mamãe soltou uma gargalhada e o beijou.

— Estou um pouquinho atraente vestido assim, não acha? — disse papai, quando mamãe finalmente o soltou. Ela estremeceu.

— Ah, meu Deus. Nem um pouco. É uma imagem mental que, para ser esquecida, vai necessitar de um esforço considerável. Mas eu te amo, seu bobão.

E então, olhando ao redor, percebi que os vizinhos não estavam observando meu pai, mas a mim. Melanie estava agachada na frente de nosso portão com a câmera apontada, e a rua me aplaudia, todos olhando para mim. Churchill, Malala, Stirling Moss, sorrindo para mim. Balancei a cabeça na direção da lente da câmera, envergonhada, querendo dizer que isso parecia errado, que deveríamos nos ater ao funcionários da saúde. Que eles eram os verdadeiros heróis e que desviar a atenção era...

Mas a calçada de repente começou a rodar à minha volta.

E então tudo ficou preto.

Ela precisa ser testada.

A voz de minha mãe: *Ah, meu Deus. Acha que ela pegou?*

Vamos resolver isso aqui primeiro e depois decidimos.

Ela precisa de ar. Pode dar um passo para trás, por favor, senhora?

— O que aconteceu?

Sentei-me no chão da sala e vi dois paramédicos de cócoras me olhando por trás das máscaras. Uma paramédica segurava meu pulso e checava o relógio, e, quando me mexi, o outro colocou uma máscara de oxigênio delicadamente no meu rosto. Minha mãe estava a alguma distância, de pé, atrás deles, o rosto pálido de medo. Meu pai pairava perto da porta, com a meia-calça de abelha e o tutu. Os paramédicos nem pestanejaram diante daquela visão. Nesses tempos estranhos, talvez essa tenha sido a coisa menos esquisita com a qual tenham lidado naquele dia.

— Você desmaiou.

— Desmaiei?

— Nossa, você pesa uma tonelada — disse papai. — Eu tive que carregar você para dentro sozinho. Quanta comida você anda botando para dentro?

— Como está se sentindo? — perguntou um dos paramédicos.

— Não muito bem. — Virei-me para minha mãe. — Para falar a verdade, não venho me sentindo bem há dias.

Mamãe se inclinou na minha direção, abraçando com força o próprio corpo, como se estivesse se esforçando para não me estender a mão.

— Eu sabia que você estava exagerando. Será que desmaiar é um dos sintomas? Louisa, você consegue sentir algum cheiro? Quer que eu traga umas cebolas? Para ver se o olfato está direito? Ah, meu Deus, já viram se ela está com febre?

Afundei novamente no chão. Foi nessa hora que os paramédicos pediram que meus pais saíssem da sala.

Duas horas mais tarde, eu estava sentada na cama, de pijama, falando com Sam pela tela do computador. Na minha mesa de cabeceira, havia uma caneca de chá e um volumoso sanduíche de pão branco em uma bandeja, “para me manter forte”. Mal conseguia discernir o ruído do noticiário da televisão lá embaixo, e pelo menos daquela vez me senti tranquilizada por ele, em vez de considerá-lo uma prova da minha completa falta de espaço ou privacidade.

— Mas você está bem?

— Estou. Eu só exagerei um pouco na confecção das fantasias.

— Mas a sua mãe disse que os paramédicos foram aí.

— Vieram.

— Você fez o teste?

— Fiz.
— E então?
— Lou?
Ajustei a tela um pouquinho.
— Bom, deu positivo. Então, você precisa estar ciente de que não vou voltar sozinha.
Sam suspirou e balançou a cabeça.
— Ah, Jesus Cristo, Lou. Eu mesmo posso tomar conta de você. Quer dizer, você não vai poder viajar enquanto tiver febre. Mas não acho que vou dar conta de lidar com os seus pais, além de tudo que já está acontecendo. Me desculpe. O apartamento é muito pequeno, e se eles ficarem doentes por sua causa...
— Meus pais não vão comigo.
— Então, quem...
— Na verdade, nem vou precisar comprar outra passagem.
Ele me encarou.
— ... pelo menos, não por enquanto.
Houve um longo silêncio. Sam continuou me observando do outro lado da tela.
— Não foi um teste de Covid que eu fiz.
Ele franziu a testa.
— Então, talvez eu tenha ido até a farmácia e comprado mais, bom, três testes. Tudo bem, e um quarto também. Só para ter certeza.
— Você está me dizendo...
Confirmei com um gesto de cabeça.
— Você...
— Estou bem. Só me sentindo meio idiota por não ter percebido. Acho que meu cérebro estava todo confuso e eu não parei para pensar.
Ele me encarou por mais um minuto. E então baixou a cabeça lentamente, a palma de sua enorme mão pressionada contra o rosto, a outra ainda segurando a tela. Esperei que ele se mexesse.
— Sam? Sam?
Segurei o laptop com as mãos. Vi que o dele estava tremendo. Talvez, afinal de contas, esse fosse o momento errado de contar. Talvez fosse coisa demais além de tudo o que ele estava vivendo.
— Sam? Você está bem? Por favor, olhe para mim... Sam?

Ele demorou mais um pouco. Quando me fitou, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Estou bem. Só fiquei... feliz.

— De verdade?

— Um bebê? Nosso bebê? *Está brincando?*

A expressão dele era como manteiga derretida. Havia tanto júbilo e ternura em seu rosto lindo e cansado que acabei chorando também. Assim, ficamos os dois simplesmente nos encarando e chorando e rindo por um tempo. *Só mesmo você para embuchar no meio de uma bendita pandemia* — papai tinha dito. *Você tem que chamar o bebê de Covídia.*

Não seja ridículo, repreendeu mamãe.

Talvez então Pandêmico.

— Ah, Lou, ah, meu amor. Parabéns.

Inclinei a cabeça.

— Bom, talvez você seja *um pouco* responsável pela situação.

— Menos do que um pouco, obrigado. — Ele secou o rosto. — Um bebê. Ainda não consegui processar.

— Bom, você tem seis meses e meio para processar isso.

— E tudo está correndo bem?

— Tudo bem. Dez semanas já. Eu estava me sentindo um pouco indisposta, mas pensei, sabe, nós estamos cheios de sintomas esquisitos ultimamente.

— Dez semanas. Certo... Ah, isso é... Ah, meu Deus, como eu queria que você estivesse aqui. Eu ia te dar um abraço muito apertado. Em você e...

— ... na minhoquinha.

— É. Vamos ter que pensar em um nome melhor.

Ficamos nos olhando, cheios de sorrisos. De repente, só conseguíamos pensar no futuro. Dava para ver no rosto dele. Nós dois com um bebê. Um Sam pequenino e rechonchudo. Sam, o rosto inundado de amor. Meus pais, encantados e entusiasmados no andar de baixo, tomando uma cerveja e rindo sem parar, com um prazer compartilhado. Um futuro que subitamente se encheu com a perspectiva de felicidade e de esperança.

— Vamos ter que tomar algumas decisões agora.

— Vamos.

— Mas coisas boas realmente acontecem, Sam Fielding — eu disse, pressionando minha mão na tela. Ele ergueu a mão e a colocou contra a

minha, e de repente voltar a vê-lo não me pareceu um projeto tão distante assim. — Não é?

Sam fechou os olhos por um instante e assentiu.

— Sim, acontecem, Louisa Clark. Coisas boas realmente acontecem.